



UM CAMINHO DE ANÁLISE PARA CONSTRUÇÕES PASSIVAS SINTÉTICAS

A PATHWAY FOR ANALYSING
SYNTHETIC PASSIVE CONSTRUCTIONS

João Paulo Lazzarini-Cyrino¹
Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Construções passivas sintéticas apresentam duas importantes características que se manifestam entre as línguas: o sincretismo de suas marcas com as de construções reflexivas e um forte componente impessoal, que as permite terem uma interpretação genérica ou inclusiva. Este trabalho aponta um caminho de análise para essas construções que preveja esses dois fenômenos atestados translinguisticamente. Esse caminho se pauta em uma análise sintática e argumental para a marca passiva, nos moldes de D'Alessandro (2007).

Palavras-Chave: Passivas sintéticas; Construções impessoais; Reflexivização.

Abstract: *Synthetic passive constructions show two characteristics cross-linguistically: the syncretism of its markings with those of reflexive constructions and a strong impersonalizing component, which allows them to have an either generic or inclusive interpretation. The present work builds a pathway on how to analyse these constructions in order to account for the aforementioned related phenomena. This is done through a Syntactic and argumental analysis of the passive marking, following the framework brought by D'Alessandro (2007).*

Key-Words: *Synthetic passives; Impersonal constructions; Reflexivisation.*

¹ Pesquisador Colaborador, bolsista a nível de pós-doutorado no processo de número 2014/26409-5 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Parte dos assuntos tratados neste artigo são também resultado de minha pesquisa de doutorado, financiada pela mesma agência, no número 2011/21973-1. E-mail: jpcyrino@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Construções passivas sintéticas² são aquelas que se diferenciam de suas contrapartes ativas pela presença de um *morfema passivo*, ao invés de se formarem por meio de uma perífrase (passivas analíticas). Esse tipo de construção é encontrado em diversas línguas e, muitas vezes, convivendo com construções passivas analíticas, como é o caso do português. Abaixo é possível observar a mesma sentença na voz ativa (a), na voz passiva analítica (b) e na voz passiva sintética (c).

- (1) a. O João comprou a casa na Rua das Palmeiras.
b. A casa na Rua das Palmeiras foi comprada (pelo João).
c. Comprou-se a Casa na Rua das Palmeiras.

Dentre os morfemas passivos que podemos observar nas línguas, muitos deles são sincréticos com morfemas decausativos³ e/ou reflexivos (SHIBATANI, 1985; HASPELMATH, 1990; entre outros). Além disso, podem ocorrer como clíticos ou afixos, como ilustrado na tabela abaixo:

² Há discussão sobre a forma correta de caracterizar essas construções: se passivas ou impessoais. Enquanto há uma forte argumentação em Blevins (2003) para caracterizá-las como impessoais, a literatura em tipologia linguística (ver KEENAN; DRYER, 2007) prefere mantê-las como passivas. Ficará mais claro ao longo do artigo que passivas sintéticas baseiam-se uma estratégia de impessoalização, mas devem manter-se como passivas por dois motivos: (i) o objeto é promovido à posição de sujeito, no caso de verbos transitivos passivizados e (ii) há a projeção de agentes da passiva em muitas línguas.

³ Morfemas decausativos são os que formam construções *anticausativas*, no sentido de Nedjalkov e Silnickij (1969). No sentido morfológico, essas construções diferem-se de suas contrapartes transitivas/causativas por apresentarem uma *marca anticausativa*, enquanto suas contrapartes não são marcadas. Semanticamente falando, pode-se dizer que construções anticausativas são aquelas em que o sujeito não é agente do evento, da mesma forma que as passivas; mas diferentemente dessas, não há um agente pressuposto no evento. Logo, uma frase como *A porta se abriu* pode envolver uma construção anticausativa na medida em que ela denota um evento em que a abertura da porta se deu de forma espontânea, por uma causa externa desconhecida ou mesmo por um causador inanimado tal como o vento.

Língua	Morfema	Tipo	Passivo	Decausativo	Reflexivo
Português	se	Clítico	x	x	x
Espanhol					
Italiano					
Francês					
Dinamarquês	-s	Afixo	x	x	
Norueguês					
Sueco					
Polonês	sie	Clítico	x	x	x
Tcheco	se	Clítico	x	x	x
Croata					
Russo	-sja	Afixo	x	x	x
Grego	<i>Concordância não- Ativa</i>	Afixo	x	x	x
Albanês					
Turco	-ll/-(I)n	Afixo	x	x	x
Laz	-i-	Afixo	x	x	x
Georgiano					
Hebraico	<i>Padrão hitpael</i>	Afixo	x ⁴	x	x

Tabela 1 - Tipos Morfológicos e Sincretismos das Marcas Passivas

Há diversas formas de se abordar esses morfemas em teoria linguística. Há, por um lado, abordagens puramente Lexicais desses morfemas, que defendem sua geração no Léxico como, por exemplo, um redutor de valência verbal (CHIERCHIA, 1989; GRIMSHAW, 1990; REINHART, 2000; entre muitos outros). Por outro lado, há propostas puramente sintáticas para os morfemas passivos, como os clássicos de Jaeggli (1986) e Baker, Johnson e Roberts (1989). Dentre as propostas sintáticas vistas atualmente, há aquelas que consideram os morfemas passivos como expoentes de uma categoria como Voice ou *v* (tais como, EMBICK 1998, 2004; ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 2004; KALLULLI, 2006; HARLEY, 2012) ou as que levam em conta o caráter impessoalizador dessas marcas e as consideram como variáveis, análogas às anáforas (MANZINI, 1986; NAKIPOGLU-DEMIRALP, 2003; D'ALESSANDRO, 2007).

Os trabalhos mencionados acima normalmente abordam as construções passivas sintéticas em uma língua apenas, o que dificulta a conclusão a respeito de qual a melhor análise para esse tipo de construção e acaba por criar a impressão de que é possível que esses morfemas tenham estatutos diferentes conforme a língua em que ocorrem. Essa não é, no entanto, uma forma

⁴ Embora haja uma morfologia própria para as construções passivas em hebraico, o padrão *hitpael* pode formar construções caracteristicamente passivas na língua. Estas são frequentemente denominadas médio-passivas na literatura (ver também DORON 2003).

desejável de se compreender um fenômeno tão comum entre as línguas e, como veremos, com propriedades e distribuição tão sistemáticas.

Neste artigo, portanto, defendo que há uma forma a ser considerada como a mais eficiente de se analisar os morfemas passivos como os vistos na Tabela 1 e essa forma é a última mencionada acima: a análise sintática enquanto uma variável análoga às anáforas. Para ilustrar possíveis explicações para os fenômenos envolvidos em construções passivas sintéticas em diversas línguas, levo adiante a proposta de D'Alessandro (2007). Não descarto a possibilidade de outras implementações técnicas com pequenas variações⁵, mas é importante ressaltar que é difícil obter cobertura empírica maior para esses morfemas fora de uma análise sintática e argumental.

As evidências para isso seguem no texto, que se divide da seguinte forma. Inicialmente, na seção 1, discuto a necessidade de uma análise sintática (contra a lexical) para o fenômeno. Em seguida, na seção 2, apresento brevemente a proposta de D'Alessandro (2007) e mostro como ela se estabelece dentro do quadro do sincretismo visto com as marcas passivas. Na seção 3, mostro como esse tipo de análise pode interagir com Caso e o parâmetro pro-drop, resultando em dois efeitos interessantes: a impossibilidade de pronomes fracos como marcas passivas e a inexistência de passivas impessoais com *se* em francês.

1 ANÁLISE SINTÁTICA *VERSUS* LEXICAL

Dentro da Teoria Gerativa, o componente Léxico, que alimenta a derivação sintática, pode apresentar versões bastante poderosas, sendo capaz de associar a formação de palavras a aspectos não só morfológicos, mas também fonológicos e semânticos. Como a grade temática dos predicados costuma ser assumida como parte do item lexical, muitos modelos propõem que a estrutura de argumentos dos verbos é consequência de operações semântico-morfológicas que se dão dentro do Léxico. Nessa linha de raciocínio, seria possível compreender que construções passivas-sintéticas são geradas a partir de um morfema que absorve, no Léxico, um dos papéis da grade temática do verbo. Esse tipo de proposta, no entanto, apresenta alguns problemas

⁵ Levando em conta todas as extensões do sincretismo em que estão envolvidas as marcas de construções passivas, proponho em minha tese de doutorado algumas variações no modelo de D'Alessandro (2007), como se pode observar em Lazzarini-Cyrino (2015). Essas variações não são levadas em conta aqui por razão de simplicidade.

empíricos que acabam por torná-la inviável para explicar os fenômenos em torno da formação de passivas sintéticas. Há dois problemas, essencialmente: um primeiro relacionado ao sincretismo das marcas passivas com marcas reflexivas e a impossibilidade destas serem analisadas lexicalmente em algumas línguas, e um segundo relacionado a variações na interpretação das próprias construções passivas sintéticas. Cada um segue abordado em uma respectiva subseção.

1.1 Reflexivização e predicados secundários

A ocorrência de marcas passivas em construções reflexivas, o sincretismo, pode ser explicada por uma análise lexical. O morfema poderia ser o *output* de uma operação lexical como a Redução, proposta inicialmente em Chierchia (1989), que, aplicada ao argumento externo do verbo, geraria verbos passivos/anticausativos e, aplicada ao argumento interno do verbo, geraria verbos reflexivos (ver também REINHART; SILONI, 2004).

Apesar dessas possibilidades, operações lexicais apresentam uma limitação bastante clara: elas não podem se basear em estrutura sintática. Nesse sentido, uma objeção à abordagem Lexical de alguns casos de reflexivização é apresentada inicialmente em Reinhart e Siloni (2004): se os verbos são reflexivizados no Léxico, não seria esperado que as marcas reflexivas ocorressem em construções de Marcação Excepcional de Caso em algumas línguas, como a abaixo:

(2) O João se considera inteligente.

Essas construções envolvem predicados secundários (*inteligente*), e a marca reflexiva (*se*) não reflexiviza o verbo principal (*considerar*), mas ocasiona co-referência entre o argumento do predicado secundário e o sujeito do verbo principal, algo como o esquematizado abaixo:

(3) O João_i considera [_{PredP} se_i inteligente].

Reflexivização em contextos de predicação secundária não são possíveis em todas as línguas, no entanto. Mas é fato que, nas várias línguas em que são possíveis, a marca reflexiva também é a marca que ocorre nas construções passivas sintéticas, como no caso acima com o *se* do português. Nesse caso,

manter a análise Lexical para as passivas sintéticas faria com que o compartilhamento de suas marcas com as construções reflexivas fosse mera coincidência, e é difícil confiar em coincidências tão sistematicamente distribuídas.

Para Reinhart e Siloni (2004), há uma parametrização que define línguas que apresentam a operação de Redução no Léxico e línguas que a apresentam na Sintaxe. O denominado *Syntax-Lexicon Parameter* prevê outros fatores que determinam o local de aplicação da Redução, como a improdutividade - favorecendo a aplicação no Léxico; a possibilidade de reflexivização entre sujeito e argumentos oblíquos - favorecendo a aplicação na Sintaxe; e a ocorrência de nomes reflexivos - favorecendo a aplicação no Léxico. Há, no entanto, línguas que desafiam o parâmetro, como o Tcheco (HRON, 2006), que apresenta reflexivização em contextos de predicação secundária e entre sujeito e argumentos oblíquos, mas apresenta nomes reflexivos. O georgiano (LAZZARINI-CYRINO, 2012) apresenta reflexivização entre sujeito e argumentos oblíquos, mas não a apresenta em predicados secundários. Juntando a insuficiência empírica da proposta à deselegância teórica em dar estatutos diferentes a morfemas que, em tese, desempenham a mesma função (Redução) na estrutura de argumentos do verbo, o parâmetro proposto pelas autoras deixa de ser uma boa razão para se manterem análises lexicais do fenômeno.

1.2 Interpretações genéricas e inclusivas

Se até agora os problemas da análise lexical estão associados às ocorrências reflexivas do morfema que marca construções passivas sintéticas, quando olhamos para o que ocorre com as construções passivas sintéticas, a análise lexical passa a ser ainda menos desejável. Contrastemos as seguintes sentenças e suas paráfrases:

- (4) a. Constroem-se três churrasqueiras a cada dia.
b. São construídas três churrasqueiras a cada dia.
c. Constroem três churrasqueiras a cada dia.
d.# Construimos três churrasqueiras a cada dia.
- (5) a. Nesta tarde construíram-se três churrasqueiras.
b.# Foram construídas três churrasqueiras nesta tarde.

- c.## Construíram três churrasqueiras nesta tarde.
d. Construímos três churrasqueiras nesta tarde.

As sentenças acima incluem uma passiva sintética (a) e suas paráfrases nas letras restantes. Em (b), trata-se da paráfrase em passiva analítica; em (c), em uma construção com sujeito indeterminado e em (d), com o sujeito na primeira pessoa do plural, indicando possível interpretação inclusiva da passiva sintética. A sentença em (4a) pode ser parafraseada perfeitamente mantendo a interpretação genérica do agente (4b,c), mas a paráfrase com interpretação inclusiva não parece ser adequada (4d). Por outro lado, a sentença em (5a) pode perfeitamente ter como paráfrase a sentença com interpretação inclusiva (5d), enquanto a passiva analítica (5b) é pouco menos desejável e a construção com sujeito indeterminado (5c) é a menos indesejável de todas como paráfrase.

O fenômeno apresentado acima vem sendo reconhecido em diversas línguas. Pode-se mencionar, com especial destaque, os trabalhos de Cinque (1995) e D'Alessandro (2007), para o italiano; os trabalhos de Rivero (2002) em línguas românicas e eslávicas de forma geral e Nakipoglu-Demiralp (2001), para o turco.

A generalização a que se chega nestes trabalhos, no entanto, é sempre a mesma: há uma relação entre delimitação temporal e preferência pela interpretação inclusiva da marca passiva sintética. De acordo com essas observações, portanto, o que licencia a paráfrase em (5d) é o fato de (5a) estar no pretérito perfeito e com um adjunto temporal bastante específico: "nesta tarde". Em contraste, o tempo presente em (4a) não permite a paráfrase inclusiva.

Ora, se diferentes interpretações para a marca passiva (inclusiva *vs.* genérica) estão relacionadas ao componente temporal da sentença, é de se considerar que o conteúdo da marca passiva depende da derivação sintática. Nota-se que esse tipo de fenômeno é facilmente explicado quando se considera a marca passiva como uma variável. Essa variável pode-se ligar a um operador genérico ou ao próprio ato de fala a depender da delimitação temporal. Essa mecânica será apresentada na seção 2. Por ora, é crucial que se compreenda que há apenas duas formas de viabilizar uma análise para esse fenômeno: ou a marca passiva é derivada na sintaxe, como se vem defendendo até o momento, ou o Léxico é poderoso o suficiente a ponto de derivar todo o componente

temporal de um verbo. A segunda possibilidade é viável apenas em teorias puramente lexicalistas, em que a sintaxe é subproduto de operações de unificação dentro do Léxico (*Head Phrase Structure Grammar* - HPSG e *Lexical Functional Grammar* - LFG). Há uma implementação nesse sentido em Kelling (2006).

2 MARCAS PASSIVAS ENQUANTO VARIÁVEIS

Conforme foi mencionado na seção anterior, uma forma interessante de se compreender as diferentes interpretações das construções passivas sintéticas é considerar que as marcas passivas são variáveis. Sendo variáveis, podem se ligar a um operador genérico (CHIERCHIA, 1995), ou ao ato de fala (D'ALESSANDRO, 2007), para obter interpretações respectivamente genéricas e inclusivas. Nesta seção, detalho esse mecanismo como está proposto em D'Alessandro (2007).

Também se mostra que esse tipo de análise torna-se ainda mais poderosa quando consideramos o comportamento sincrético das marcas passivas. Se analisamos marcas passivas, como variáveis, prevemos sua ocorrência não só em passivas, mas em reflexivas: pode-se compreender a marca reflexiva como uma variável que se liga a um antecedente. Ademais, com a proposta de Schäfer (2008), é possível estender esse mesmo tipo de análise aos anticausativos. Tudo isso segue detalhado na seção 2.2.

2.1 A análise de D'Alessandro (2007)

Antes de explicitar a proposta de D'Alessandro (2007), cabe esclarecer algumas questões de nomenclatura. A autora denomina *construções impessoais com si* (o correspondente italiano de *se*) as construções aqui denominadas passivas sintéticas. Há basicamente duas razões para isso. Em primeiro lugar, a interpretação das construções passivas sintéticas sempre é impessoal na medida em que não há a projeção de agentes da passiva. Nas línguas românicas é praticamente inexistente a possibilidade de se projetar agentes da passiva em construções passivas sintéticas:

(6) *Construíram-se duas casas pelos engenheiros.

Mas é importante ressaltar que, em línguas em que a marca passiva é um afixo (ver LAZZARINI-CYRINO, 2014), há essa possibilidade. Duas línguas são interessantes para ilustrar isso: o russo e o dinamarquês. Nessas duas línguas há passivas analíticas, formadas por um verbo auxiliar e participio passivo:

- (7) a. Dom byl postrojen inzhenerami. (russo)
Casa foi construída engenheiros.INST.
"A casa foi construída pelos engenheiros."
b. Huset blev bygget af ingeniører. (dinamarquês)
Casa.DET foi construída por engenheiros.DET.
"A casa foi construída pelos engenheiros."

Nota-se, nas passivas analíticas acima, a presença dos agentes da passiva (sublinhados). Diferentemente do português, nessas línguas é possível manter os mesmos agentes da passiva nas construções passivas sintéticas⁶:

- (8) a. Dom stroil-sja inzhenerami. (russo)
Casa construiu-se engenheiros.INST.
"A casa foi construída pelos engenheiros."
b. Huset byggede-s af ingeniører. (dinamarquês)
Casa.DET construiu-se por engenheiros.DET.
"A casa foi construída pelos engenheiros."

O segundo motivo para se denominar as passivas sintéticas como impessoais está na possibilidade de construções passivas sintéticas de muitas línguas poderem ocorrer com verbos intransitivos. Nesse sentido, se os verbos passivizados são inacusativos, o nome *impessoal* para a construção parece mais adequado, uma vez que verbos inacusativos não apresentam agentes e o argumento impessoalizado nesses casos é o interno.

- (9) a. Os viajantes chegaram à cidade antes do sol se por.
b. Chegou-se à cidade antes do sol se por.

⁶ Apesar de, nessas línguas, serem possíveis ambas passivas sintéticas e analíticas com agentes da passiva, as duas se distribuem de forma diferente de acordo com o aspecto gramatical. Para veicular aspecto perfectivo, é preferível que a sentença seja construída com passivas analíticas, e para o aspecto imperfectivo, as sentenças ocorrem preferencialmente como passivas sintéticas.

Curiosamente, línguas como o alemão e o holandês permitem passivas analíticas de verbos intransitivos. Veja os exemplos a seguir:

- (10) a. Gestern wurde getanzt. (alemão)
Ontem foi dançado.
"Dançou-se ontem./Houve dança ontem."
b. Er wordt door de jonges geflooten. (holandês)
Expl. Foi por os jovens assoviado.
"Houve assovios pelos jovens."

(KEENAN; DRYER, 2007, p. 44, 47)

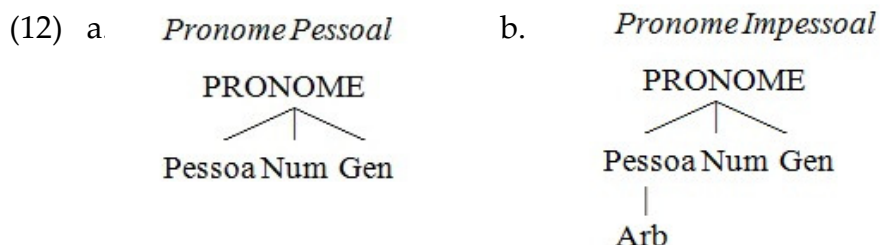
Do que podemos observar, é possível constatar que, na verdade, a impessoalização parece ser condição necessária da passivização, de forma que uma está necessariamente incluída na outra. E isso é mais evidente no caso das passivas sintéticas.

Feitas as considerações terminológicas, consideremos o fenômeno da interpretação genérica *vs.* inclusiva das construções passivas sintéticas de acordo com D'Alessandro (2007). A autora segue Cinque (1988) ao dizer que a interpretação impessoal do clítico *si* italiano é garantida pela presença de um traço *arbitrário* ([arb]). Entretanto, o traço [arb] de D'Alessandro (2007) apresenta um contexto diferente. Para a autora, o traço encontra-se como uma possível articulação de um traço de pessoa. Sendo assim, qualquer pessoa gramatical pode se articular com um traço [arb], permitindo assim, a interpretação impessoal não só de clíticos como o *se*, mas de qualquer pronome. A seguir, pode-se perceber que todos os pronomes sublinhados apresentam a mesma interpretação impessoal, apesar de serem de pessoas diferentes.

- (11) a. Chega-se a Madri por um voo muito desgastante.
b. Você chega a Madri por um voo muito desgastante.
c. A gente chega a Madri por um voo muito desgastante.

Cabe mencionar que, quando lidamos com a articulação de um traço dentro de outro, estamos levando em conta a existência de uma geometria de traços, algo como a proposta de Harley e Ritter (2002). Além disso, traço [arb], para D'Alessandro (2007) é valorado pelos traços de um nó *Speech Act* (Ato de

Fala) bastante alto na estrutura, o que supõe alguma versão de um sistema de *Agree* inverso. Tendo isso em conta, é possível contrastar um a pronome pessoal e um impessoal pelos esquemas abaixo:



O funcionamento da valoração de [arb] se dá da seguinte forma. Partindo das observações já bastante discutidas na literatura de que um nó T associado à não-delimitação temporal contém um operador Genérico (Gn), a autora considera que esse operador se liga com o traço [arb], ocasionando a leitura genérica evidenciada com as paráfrases mencionadas anteriormente em (4) e repetidas abaixo:

- (13) a. Constroem-se três churrasqueiras a cada dia.
b. São construídas três churrasqueiras a cada dia.
c. Constroem três churrasqueiras a cada dia.
d.# Construimos três churrasqueiras a cada dia.

Por outro lado, na ausência deste operador - que se dá quando T está associado à delimitação temporal - o traço [arb] é ancorado no discurso a partir dos traços contidos no nó previamente mencionado *Speech Act*. Este nó conteria os traços [locutor] e [interlocutor], conforme a tipologia de Bianchi (2003), o que acarretaria na interpretação inclusiva do traço. Por conta disso, sentenças com delimitação temporal tendem a ter a interpretação inclusiva das marcas passivas:

- (14) a. Nesta tarde construíram-se três churrasqueiras.
b.# Foram construídas três churrasqueiras nesta tarde.
c.## Construíram três churrasqueiras nesta tarde.
d. Construimos três churrasqueiras nesta tarde.

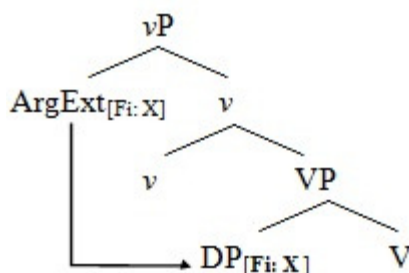
2.2 O sincretismo passivo-reflexivo

Como já colocado algumas vezes neste artigo, é curiosa a frequência com que as marcas passivas são sincréticas, ocorrendo em verbos reflexivos e anticausativos. A esse sincretismo dou o nome de passivo-reflexivo. É muito comum que, ao se analisar uma das construções dentro do domínio de marcação de um morfema sincrético, se esqueça das demais e, ao fim, se tenha uma compreensão homonímica do sincretismo: diferentes análises para os diferentes contextos de inserção do mesmo morfema. A proposta de análise que estamos abordando, no entanto, tem a vantagem de coincidir o estatuto da marca passiva com o das marcas reflexivas e, como mostro mais adiante, das anticausativas: o de variáveis.

As marcas passivas, segundo a análise de D'Alessandro (2007) assumida aqui, são variáveis na medida em que os valores de seu traço [arb] são atribuídos por outro elemento dentro da estrutura. Esse processo é análogo ao das construções reflexivas, em que a marca reflexiva tem seu valor atribuído pelo antecedente, normalmente o argumento externo do verbo.

A identificação das duas propostas se dá quando consideramos que construções reflexivas são derivadas de acordo com a análise de Heintz (2006), também baseada em Reuland (2001). Para o autor, marcas reflexivas são DPs incompletos (sem NPs) na posição de argumento interno que tem seus traços-fi valorados pelo argumento externo, que é um DP pleno. Veja abaixo:

(15)



Considerando que a geometria de traços dos pronomes incluem nada menos do que a geometria de traços dos próprios traços-fi, é possível dizer que, enquanto as marcas passivas são pronomes que apresentam o traço [arb] não valorado, as marcas reflexivas apresentam os traços, por exemplo de pessoa, não valorados.

- (16) a. Marca Reflexiva: DP[Fi: > Pessoa: _____]
b. Marca Passiva: DP[Fi: > Pessoa: 3 > Arb: _____]

Como vemos, nos dois casos algum subtraço de Fi é variável, ou seja, precisa ser valorado no decorrer da derivação sintática. Uma forma de compreender o sincretismo passivo-reflexivo seria justamente supor que (i) o expoente fonológico dos nós terminais sintáticos é inserido após a derivação sintática e (ii) as regras que orientam essa inserção preveem as relações hierárquicas da geometria de traços.

Consideremos, por exemplo, o modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), em que a suposição em (i) acima é assumida, e os expoentes fonológicos são inseridos pelas regras de correspondência entre traços fonológicos e sintáticos denominadas Itens de Vocabulário. Se um item de vocabulário pode estar especificado para valores de um traço obtidos no decorrer da derivação sintática, e essa classe de traços é representada com um sublinhado, podemos dizer que os pronomes reflexivos do português, para as duas primeiras pessoas do singular, são inseridos pelas seguintes regras:

- (17) a. *me* → [Pessoa: 1]
b. *te* → [Pessoa: 2]

Agora consideremos as marcas passivas, que sempre ocorrem como *se* em português (e italiano, e francês, etc.). Consideremos que, se o traço [arb] está incluído em Pessoa, logo, seu valor também faz parte de Pessoa. Sendo assim, é possível que uma regra geral como a abaixo, preveja a inserção de *se* para qualquer valor obtido durante a derivação sintática para Pessoa:

- (18) a. *se* → [Pessoa: _____]

A regra acima cobriria:

- | | |
|---|---------------------------|
| (19) a. [Pessoa: <u>3</u>] | Reflexivo Terceira Pessoa |
| b. [Pessoa: <u>Gn</u>] | Passiva Genérica |
| c. [Pessoa: <u>locutor/interlocutor</u>] | Passiva Inclusiva |
| d. [Pessoa: _____] | Sem valor de pessoa |

O caso em (19d) corresponderia aos anticausativos, se consideramos a proposta de Schäfer (2008). Para esse autor, marcas de verbos anticausativos são as mesmas dos verbos reflexivos (e, para o nosso sistema, não apresentam

[arb]), com a diferença de que ocorrem na posição de argumentos externos. Nesse caso, não apresentariam nenhum antecedente que valorasse seus traços-fi. Isso resultaria em um estatuto expletivo do argumento agente, o que resultaria na interpretação característica dos verbos anticausativos. Maiores esclarecimentos sobre essa proposta podem ser encontradas em Schäfer (2008). Por ora, cabe concluir que a análise de D'Alessandro (2007) é interessante também na medida em que permite se combinar com análises para o sincretismo passivo-reflexivo, prevenindo análises homonímicas para as marcas passivas.

3 CLÍTICOS E PRONOMES FRACOS: SUA DISTRIBUIÇÃO NO DOMÍNIO PASSIVO

Tomemos a tipologia de pronomes deficientes de Cardinaletti e Starke (1996), em que se distinguem pronomes fracos, clíticos e afixos como tendo propriedades diferentes de distribuição em vários níveis e, portanto, são estruturalmente diferentes. No âmbito das construções passivas sintéticas, vamos encontrar nas línguas apenas as que são marcadas por clíticos e afixos. Não há passivas sintéticas marcas por pronomes fracos⁷.

Essa observação é importante uma vez que, considerando o sincretismo passivo-reflexivo apontado anteriormente, seria de se esperar que, na ausência de uma marca mais específica para as construções passivas sintéticas, a marca reflexiva ocorresse nesses contextos. Mas, como vemos abaixo com a marca *zich* do holandês, um pronome fraco, isso não ocorre:

- (20) a. Hij scheert zich. (reflexiva)
Ele barbeia *se*.
"Ele se barbeia."
- b.* Huizen bouwen zich. (passiva sintética - agramatical)
Casas constroem *se*.
- c. Huizen zijn gebouwd. (passiva analítica)
Casas são construídas.
"Casas são construídas."

⁷ Essa generalização está detalhada em De Schepper (2007) e também em Lazzarini-Cyrino (2014).

Existe uma explicação possível para isso, e ela depende de uma análise sintática dessas marcas. Em primeiro lugar, levemos em conta que, apesar de todos os pronomes reflexivos chegarem ao final da derivação com seus traços-fi valorados, e, portanto capazes de terem Caso, por algum motivo, apenas os pronomes fracos parecem manifestar Caso de alguma forma. Isso é visto nos dados de seleção de auxiliar. Construções reflexivas em italiano, por exemplo, selecionam o auxiliar *essere*, assim como os verbos inacusativos; as transitivas, por outro lado, selecionam o auxiliar *avere*.

- (21) a. Gianni si è lavato. Reflexivo - *essere*
Gianni SE é lavado.
"Gianni se lavou."
- b. Gianni è arrivato. Inacusativo - *essere*
Gianni é chegado.
"Gianni chegou."
- c. Gianni ha letto un libro. Transitivo - *avere*
Gianni há lido um livro.
"Gianni leu um livro."

Em contraste, o holandês, em que a marca reflexiva *zich* é um pronome fraco, a seleção de auxiliares na presença dessa marca se dá com o verbo *hebben*, que é o mesmo que ocorre com transitivos. No entanto, os inacusativos selecionam o auxiliar *zijn* nessa língua.

- (22) a. Jan heeft zich gewassen. Reflexivo - *hebben*
Jan há SE lavado.
"Jan se lavou."
- b. Jan heeft en boek gelezen. Transitivo - *hebben*
Jan tem um livro lido.
"Jan leu um livro."
- c. Jan is aangekomen. Inacusativo - *zijn*
Jan é chegado.
"Jan chegou."

A seleção de auxiliares nos leva à seguinte previsão: se marcas como *zich* desencadeiam a seleção transitiva, isso indica que elas estão sujeitas a receber

Caso. Sendo assim, na suposta situação em que ocorrem enquanto marca passiva, contendo o traço [arb] e na posição de argumento externo, sucederá que terão de se mover à posição de sujeito para receberem Caso (Spec, TP), seguindo o modelo mais tradicional. Se isso ocorrer, teríamos um pronome fraco na posição de sujeito. Considerando que as línguas que apresentam pronomes fracos como marcas reflexivas não são, normalmente, línguas pro-drop, é possível compreender que seu estatuto com relação a esse parâmetro impede a presença dessas marcas na posição de sujeito: pronomes fracos são fonologicamente dependentes de outro elemento na sentença, não podendo ocupar a posição de sujeito nessas línguas.

Essa assunção teórica tem consequências empíricas interessantes. Tomemos o caso do francês, uma língua não pro-drop como o holandês, mas que a marca reflexiva (e passiva) é um clítico, apresentando o mesmo tipo de seleção de auxiliares que o italiano:

- | | | |
|---------|---|---------------------------|
| (23) a. | Jean s'est lavé.
Jean SE.é lavado.
"Jean se lavou." | Reflexivo - <i>être</i> |
| b. | Jean est arrivé.
Jean é chegado.
"Jean chegou." | Inacusativo - <i>être</i> |
| c. | Jean a lu un livre.
Jean há lido um livro.
"Jean leu um livro." | Transitivo - <i>avoir</i> |

O esperado seria que o clítico *se*, no caso de uma passiva, não tivesse que se alçar à posição de sujeito, uma vez que não recebe caso (evidenciado pela seleção de auxiliares). Nesse caso, a língua apresentaria passivas nas duas possibilidades vistas com verbos inacusativos: ou o alçamento do argumento interno (24a), ou o argumento interno *in situ* e um expletivo na posição de sujeito (24b):

- | | | |
|---------|---|---------------------------------|
| (24) a. | Paul est arrivé.
Paul é chegado.
"Paul chegou." | Inacusativo - argumento alçado. |
|---------|---|---------------------------------|

-
- b. Il est arrivé trois filles. Inacusativo - argumento *in situ*
EXP é chegado três garotas.
"Chegaram três garotas."

A hipótese se confirma: a mesma distribuição dos sujeitos é vista nas construções passivas sintéticas do francês.

- (25) a. Un homme s'est rencontré hier.
Um homem se.é encontrado ontem.
"Um homem foi encontrado ontem."
b. Il s'est rencontré trois hommes hier.
EXP se.é encontrado três homens ontem.
"Três homens foram encontrados ontem."

Ainda com relação ao francês, observa-se também que o clítico *se* compete de alguma forma com o expletivo *il*, não podendo haver passivas de verbos intransitivos (passivas impessoais).

- (26) a.* Il se travaille beaucoup.
EXP se trabalha muito.
b.* Il se va a Paris.
EXP se vai a Paris.

Essa impossibilidade faz sentido, uma vez que o expletivo *il* só poderia ocorrer ou na ausência de qualquer argumento verbal (verbos sem argumento, do tipo chover, por exemplo), ou quando um argumento que poderia ser alçado à posição de sujeito é uma descrição indefinida. As sentenças abaixo mostram essa restrição:

- (27) a.* Il est arrivé Paul.
EXP é chegado Paul.
b. Il est arrivé quelqu'un.
EXP é chegado alguém.
"Chegou alguém"
c. Il pleut.
EXP chove.
"Está chovendo."

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foi possível mostrar que existe uma forma bastante eficiente de se analisar as marcas passivas que ocorrem nas construções passivas sintéticas das línguas. Trata-se da análise sintática da marca, que terá um estatuto de argumento e de variável: um DP com traços-fi a serem valorados durante a derivação. A implementação técnica que ensaiamos neste texto foi a de D'Alessandro (2007), que apresenta a vantagem de possibilitar uma associação do estatuto das marcas passivas ao das marcas reflexivas, abrindo caminho para explicar o denominado Sincretismo Passivo-Reflexivo.

Também foi possível mostrar que a análise sintática das marcas passivas sintéticas consegue explicar sua interação com o parâmetro pro-drop das línguas, explicando - em tese - dois fenômenos. O primeiro é o da ausência de marcas passivas que sejam pronomes fracos, como ocorre no holandês, alemão, etc. O segundo, o da impossibilidade de uma língua não pro-drop, e que apresente uma marca passiva clítica, apresentar passivas de verbos intransitivos.

Este artigo teve como objetivo lançar uma ideia, um caminho de análise. Há diversas questões que devem ser levadas em conta para se obter uma explicação final para a morfologia das passivas sintéticas em cada língua. O que se deseja deixar claro é que qualquer análise que se dê para essas marcas terá que prever fenômenos relacionados ao sincretismo passivo-reflexivo, a existência de interpretações inclusivas e genéricas e a possibilidade ou não de se obter passivas de intransitivos. O caminho de análise apresentado neste trabalho garante um quadro em que esses fenômenos estão previstos.

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. Voice Morphology and the Causative-Inchoative Alternation. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; EVERAERT, Martin. *The unaccusative puzzle*. Cambridge, Mass: Oxford University Press, 2004. p. 114-136.

BAKER, Mark; JOHNSON, Kyle; ROBERTS, Ian. Passive Arguments Raised. *Linguistic inquiry*. Cambridge, Mass. n. 20 v. 2 p. 219-251. 1989.

BIANCHI, Claudia. *Pragmatica del linguaggio*. Roma-Bari: Laterza, 2003.

BLEVINS, James P. Passives and Impersonals. *Journal of linguistics*. Cambridge. n. 39. p. 473-520. 2003.

-
- CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michael. Deficient pronouns: A view from Germanic. A study in the unified description of Germanic and Romance in: THRAINSSON, Hoskúldur; EPSTEIN, Samuel; PETER, Steve. *Studies in comparative germanic syntax volume II*. Dordrecht: Kluwer, 1996. p. 21-65.
- CHIERCHIA, Gennaro. *A semantics for unaccusatives and its syntactic consequences*. Manuscrito. 1989
- CHIERCHIA, Gennaro. Individual level predicates as inherent generics. In: CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis. *The generic book*. Chicago: Chicago University Press. 1995. p. 176-223
- CINQUE, Guglielmo. On si constructions and the theory of arb. *Linguistic inquiry*. Cambridge, Mass. n. 19, p. 521- 581. 1988.
- CINQUE, Guglielmo. *Italian syntax and universal grammar*. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.
- D'ALESSANDRO, Roberta. *Impersonal si constructions: Agreement and Interpretation*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2007
- DE SCHEPPER, Kees. Reflecting the past: Mapping the development of the Indo-European SE-form. In: LOS, Bettelou; VAN KOPPEN, Marjo. *Linguistics in the Netherlands 2007*. Amsterdam: John Benjamins. 2007. p. 211-222.
- GRIMSHAW, Jane. *Argument Structure*. Cambridge, Mass: MIT Press. 1990.
- HARLEY, Heidi. *External Arguments and the Mirror principle: On the Distinctness of Voice and v*. Manuscrito. 2012.
- HARLEY, Heidi; RITTER, Elizabeth. Structuring the bundle: A universal morphosyntactic feature geometry. In: HORST, Simon; WIESE, Heike. *Pronouns: Grammar and Representation*. Amsterdam: John Benjamins. 1998. p. 23-39.
- HASPELMATH, Martin. The grammaticization of passive morphology. *Studies in Language*. Berlin. n. 14 v. 1. p. 25-71. 1990.
- HEINAT, Fredrik. *Probes, pronouns and binding in the Minimalist Program*. 265 folhas. (Tese de Doutorado) English Studies Department, Lund University, Lund. 2006.
- JAEGGLI, Osvaldo. Passive. *Linguistic inquiry*. Cambridge, Mass. n. 17 v. 4. p. 587-622. 1986.
- KALLULLI, Dalina. A Unified Analysis of Reflexives, Passives and Unaccusatives. *Empirical Issues in Formal Syntax and Semantics*. Paris. n. 6. p. 201-225. 2006.
- KEENAN, Edward; DRYER, Matthew. Passive in the World's Languages. In: SCHOPEN, Timothy. *Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge. Cambridge University Press. 2007. p. 325-361.
- KELLING, Carmen. Spanish se-constructions: the passive and the impersonal construction. BUTT, Miriam; HOLLOWAY KING, Tracy. *Proceedings of the LFG06 Conference*. Konstanz: CLSI Publications. 2006

LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. Against Lexical Reduction. *Proceedings on the IX Workshop on Formal Linguistics 2012*. Rio de Janeiro: Adaltech. 2012.

LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. Morphological Properties of Passive-Reflexive Marks Cross Linguistically and their Multifunctionality. In: ARSLAN, Farma Pinar. *Contemporary issues on linguistics and language*. Istanbul: DAKAM Publishing. 2014. p. 149-157.

MANZINI, Maria Rita. On Italian 'si'. In: BORER, H. *The syntax of pronominal clitics. Syntax and Semantics vol.18*. New York: Academic Press, 1986. p. 241-262.

NAKIPOĞLU-DEMIRALP, Mine. The referential properties of the implicit arguments of impersonal passives in Turkish. *Linguistik Aktuell*. Amsterdam. n. 44. Amsterdam: John Benjamins. 2001.

REINHART, Tanya. The Theta System: Syntactic Realization of Verbal Concepts. *OTS Working Papers in Linguistics*. 2000.

REINHART, Tanya; SILONI, Tal. Against the Unaccusative Analysis of Reflexives. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; EVERAERT, Martin. *The unaccusative puzzle*. Cambridge, Mass: Oxford University Press, 2004. p. 159-180.

RIVERO, Maria Luisa. On impersonal reflexives in Romance and Slavic and Semantic variation. In: CAMPS, J.; WILTHSHIRE, C. *Romance syntax, semantics and L2 acquisition*. Selected papers from the 30th Linguistic Symposium on Romance Languages. John Benjamins: Amsterdam and Philadelphia. 2002. p. 169-195.

REULAND, Eric. Primitives of Binding. *Linguistic inquiry*. Cambridge, Mass. n. 32. p. 439-492. 2001.

SCHÄFER, Florian. *The Syntax of (Anti-)Causatives*. External arguments in change-of-state contexts. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 2008.

SHIBATANI, Mayasoshi. Passives and Related Constructions: A Prototype Analysis. *Language*. Washington DC. n. 61 v.4. p. 821-848. 1985.